



Boletim de Notícias NS

**NSDAP/AO : PO Box 6414
Lincoln NE 68506 USA
www.nsdapao.org**

#1107

01.06.2024 (135)

Michael Kühnen

A segunda revolução Volume II: O Estado Popular

Parte 4

Pela raça e pela nação

Partimos do princípio de que era necessário, para a felicidade e o futuro do nosso povo, dar sentido à vida völkisch.

O primeiro sentido, evidente, é o de assegurar o futuro nacional. Para isso, o nosso povo precisa de um espaço de vida suficiente. A ideia do Reich é o quadro de uma política alemã de poder mundial que tem de se revelar no campo de tensão entre o nosso ódio à ordem estabelecida no pós-guerra e as necessidades de lealdade racial na luta racial entre brancos e negros.

Claro que tudo isto só é verdade na condição de o nacional-socialismo e a sua ideia do valor único da nação estarem correctos. Isto é bastante discutível e é por isso que o nosso movimento, neste momento, é um "partido" no verdadeiro sentido da palavra - isto é, parte de uma luta intelectual-política. - Quais são então as alternativas aparentes à visão de mundo völkisch?

O MATERIALISMO que, como descrito, se esconde por detrás dos dois sistemas mundiais dominantes - o comunismo e o capitalismo liberal - é obviamente incapaz de dar sentido à vida pessoal ou nacional.

Escusado será dizer que todas as formas de Estado e de governo são obrigadas a actuar de modo a que as necessidades dos cidadãos sejam suficientemente satisfeitas, pelo que os governantes não devem manter essas necessidades baixas pela força - como é habitual nos Estados comunistas - nem aumentá-las artificialmente - como os regimes capitalistas costumam fazer. Mas este só pode ser o primeiro passo necessário. Um Estado não pode, depois de ter conseguido isto - e no domínio branco isto foi largamente conseguido - esgotar-se na mera administração deste Estado.

Assegurar as necessidades básicas da vida é apenas o ponto de partida. Se o sentido da vida não for acrescentado e comunicado a todos os cidadãos de forma vinculativa, a geração jovem, que cresceu sem um sentido de orientação, revoltar-se-á contra este sistema.

Por conseguinte, o materialismo não é nem pode ser um objectivo de vida. Quando o é, assemelha-se a uma droga que entorpece o indivíduo e o faz esquecer o vazio interior da sua vida. Só podemos ter pena destas pessoas. São pessoas infelizes. Aqui vemos a razão pela qual é precisamente nas sociedades mais ricas e mais livres de problemas do Ocidente - por exemplo, nas classes média e alta dos EUA, na Escandinávia e na Alemanha Ocidental - que se registam as taxas de suicídio mais elevadas, que a criminalidade afluenta e as doenças mentais aumentam de forma alarmante e que o consumo de álcool e de drogas atinge proporções desesperadas.

Estes são sinais de uma doença mental que está a contaminar povos inteiros. Esta doença chama-se "materialismo como base da vida de uma sociedade!"

Obviamente, o idealismo é uma condição básica e um pré-requisito da vida humana, de facto, o que há de mais humano nos seres humanos. Afinal de contas, todos os animais asseguram a sua própria subsistência e algumas espécies criam, para o efeito, estruturas estatais altamente desenvolvidas. No entanto, nenhuma formiga jamais pensou no significado do seu ambiente ou da sua própria vida. A vida nos Estados comunistas e capitalistas modernos é a existência de uma formiga. Os revolucionários do Oriente e do Ocidente estão a revoltar-se contra isto.

Neste contexto, a questão da religião também se coloca naturalmente para nós.

No Terceiro Reich, foram feitas tentativas isoladas de reavivar a religião pagã dos nossos antepassados, apropriada à espécie. Não há dúvida de que um renascimento bem sucedido da religião germânica teria dado ao Estado *völkisch* uma base adicional e segura. A necessidade religiosa do homem ter-se-ia fundido harmoniosamente com os fundamentos ideológicos do Estado e do organismo nacional.

Uma tentativa semelhante foi feita pelo movimento cristão-protestante dos cristãos alemães, que não foi de modo algum uma invenção nacional-socialista, mas

cujas raízes remontam a um passado longínquo. O imperador Wilhelm II, por exemplo, escreveu do seu exílio holandês ao antigo ministro da Guerra von Stein, em 1923:

"Doorn 9.IX.23

Minha querida Excelência,

Muito obrigado pela sua amável carta. Sim, estou a estudar avidamente as Escrituras. Tem toda a razão, as pessoas não mudaram em relação à descrição que o AT faz delas, mas sobretudo os judeus. Por conseguinte, continuaram a ser os mesmos salteadores, assassinos e ladrões que nos são apresentados nos livros de Josué e tornaram-se ainda mais ambiciosos e mesquinhos no seu ódio aos estrangeiros e aos cristãos. É por isso que, para mim, o A.T. tem apenas um significado histórico. O novo está muito mais próximo de mim. Para mim, a pessoa de Cristo é tudo, ao lado da qual o A.T. desaparece. Estou na altura clara sob a sombra do Redentor e olho para trás, para o vale profundo onde o A.T. jaz inundado de névoa. Deste vale brilham picos de montanhas individuais, iluminados pelo sol: os grandes profetas, salmos individuais, ditos individuais que me encantam.

Aliás, o velho Javé vingativo e destruidor de povos é o deus local de Judá e não tem nada a ver com a nossa concepção de "Deus Pai" que nos foi ensinada pelo "Filho". Somos filhos de Deus (por Cristo), já o suspeitavam os arqui-germânicos quando rezavam ao "Pai Todo-Poderoso", de quem o judeu nada quer saber. A nossa Igreja está a falhar totalmente neste momento, em vez de aplaudir nacional e monarquicamente as almas, permanece totalmente "neutra" e perde terreno diariamente. O Sínodo Geral Legislativo é um retrato de velhos resmungões e está a envergonhar-se. Homens corajosos como Doering, amados pelo povo, estão a ser atacados! A Igreja tem de se tornar étnica e nacionalmente alemã e não pseudo-judaica, como é actualmente. Tento trabalhar neste sentido, mas sem sucesso. Roma é mais habilmente activa; promove o Kaisertum católico com funcionários judeus-capitalistas!

A Ordem de São João não faz nada, a nobreza não faz nada no campo! O que é que eles poderiam ter feito para fortalecer o monarca. O pensamento na terra poderia

ter *feito!*
Henry Ford diz: "Os judeus fizeram a guerra mundial, sozinhos!" Por isso eu digo: Fora com Moisés, avante com Cristo!
Wilhelm"

Tanto o Novo Paganismo como os Cristãos Alemães poderiam ter voltado a dar ao povo germânico uma religião que - à semelhança do Islão na sua esfera cultural - não só daria aos indivíduos um objectivo na vida, mas também ajudaria a moldar

toda a vida nacional. Nenhum dos dois movimentos religiosos foi capaz de o fazer por si só. Mas não pode e não deve ser tarefa do Estado popular nacional-socialista criar uma religião de Estado e impô-la ao povo. Nós, Nacional-Socialistas, estamos empenhados na completa separação entre a Igreja e o Estado e na liberdade religiosa.

Podemos aprender muito com a Igreja Católica, com o seu sistema religioso e a sua ordem hierárquica:

Tal como a Igreja Católica conseguiu, durante quase mil anos, dar aos povos da sua esfera cultural uma ordem espiritual firme - independentemente do que se possa pensar sobre os conteúdos e formas desta regra - também o nacional-socialismo estabelecerá uma base espiritual e, assim, acabará com a tenda da falta de direcção e do caos que tem dominado o antigo Ocidente cristão desde a ruptura do poder espiritual absoluto da Igreja Católica Romana. Em seu lugar surge uma ordem ocidental romana numa base nacional-socialista e, portanto, völkisch-racial.

Um catolicismo militante que não se limita exclusivamente ao domínio religioso, como o que prevalece nalguns movimentos fascistas e também defendido pelos tradicionalistas católicos, não deixa de ser problemático do ponto de vista político. No entanto, não é de esperar que o catolicismo recupere de novo o seu poder espiritual formativo. Tornou-se irrevogavelmente parte da "sociedade pluralista" e, por conseguinte, não é vinculativo.

A religião pode ainda dar aos indivíduos um ponto de apoio nas suas vidas, mas já não é capaz de moldar o carácter espiritual e político de uma comunidade nacional. Mas isso não tem necessariamente de continuar a ser assim. Um dia, quando nós, nacional-socialistas, tivermos criado um Estado popular com uma ideologia sólida, é concebível que correntes religiosas do mesmo género se tornem também poderosas e influenciem a vida do nosso povo. Mas é improvável que, após o exemplo da re-islamização, a religião cristã ou qualquer outra religião seja novamente capaz de moldar um mundo. Isso tornou-se uma tarefa do movimento nacional-socialista.

Reconhecemos que nem o materialismo nem a religião - seja ela qual for - podem ultrapassar a ruptura espiritual e mental, a crise profunda das nações industrializadas brancas. Isso só pode ser feito por uma visão do mundo que esteja comprometida com a tradição idealmente moldada do nosso continente. O único herdeiro desta tradição é o nacional-socialismo.

Mas - perguntam os nossos opositores - será que tem necessariamente de ser o povo a ser questionado como o único portador do sentido da vida humana? Existem alternativas?

O individualismo liberal-burguês prega constantemente o valor do indivíduo. Distingue-se conscientemente do nosso - como é chamado nos relatórios de protecção constitucional alemães de ocupação - "colectivismo völkisch". Ignoremos o facto de que este liberalismo, através da sua estreita ligação com o sistema económico capitalista desumano, espezinha constantemente o seu próprio sistema de valores sem sequer se aperceber disso. Olhemos apenas para a ideologia liberalista:

A liberdade do indivíduo, o seu bem-estar e a sua vida são o valor mais elevado, atrás do qual o povo e o Estado ocupam claramente um lugar secundário. A sua tarefa consiste essencialmente em assegurar o livre desenvolvimento do indivíduo. Este endeusamento do indivíduo é absurdo. São pessoas miseráveis e pobres que vêem o único sentido da sua existência na sua curta vida - nascer, trabalhar, gozar, morrer. Este egoísmo individualista burguês, que se refere aos sessenta ou setenta anos da sua própria vida, é suposto ser tudo? Como é patético ter de dizer a si próprio no leito de morte: "O único sentido da minha vida era desenvolver-me livremente. Agora essa vida chegou ao fim. Portanto, o resultado será um nada vazio e sem sentido".

Será que uma vida e uma morte assim são realmente significativas, belas, humanas?

Não. A vida do indivíduo só tem significado e valor quando vai para além de si própria, quando é utilizada para algo duradouro.

Mesmo que o liberalismo atingisse o seu objectivo utópico e criasse uma sociedade de "cidadãos responsáveis", em que cada indivíduo se desenvolvesse de acordo com o seu sonho de uma vida feliz e realizada, essa sociedade continuaria sem sentido, vazia e morta, sem respeito pelo passado e sem uma preocupação responsável pelo futuro.

A liberdade do indivíduo só encontra o seu valor e significado no vínculo da comunidade nacional. Sem este laço, a vida do indivíduo é inútil e sem sentido, pois nada resta dela. O escravo sem nome que trabalhou forçado durante toda a vida nas obras das pirâmides construídas para a glória do império egípcio teve uma vida com mais sentido do que o cidadão alemão viciado em televisão e lazer, cuja única preocupação é não morrer de doença cardíaca gordurosa! É este o significado profundo e íntimo do slogan nacional-socialista, tantas vezes demonizado:

"Tu não és nada! O vosso povo é tudo!"

Esta tomada de consciência não diminui o valor do indivíduo, antes o valoriza, porque o insere no sentido da história nacional. Se assim não fosse, nenhum ser humano teria ousado e sacrificado a sua vida por uma ideia, ninguém teria sangra-

do nos campos de batalha de todos os tempos!

Sempre que uma pessoa se arrisca conscientemente a correr perigo de vida para defender um objectivo alheio à sua vida - pelo seu semelhante, pela sua fé, pelo seu povo -, troça da cobardia lamentável da ideologia do valor absoluto do indivíduo, que só é concebível em tempos finais decadentes e sem história.

Não. - A vida do indivíduo não é e não pode ser o valor mais alto. Precisamente porque o nacional-socialismo se vê a si próprio como a encarnação do valor mais elevado da personalidade e da raça, temos de deixar esta atitude burguesa para trás.

Só o ser humano que se desenvolve e evolui no vínculo vive uma vida com sentido. Por conseguinte, tem também o direito de esperar que o Estado popular faça um esforço para moldar as circunstâncias da sua vida de uma forma humana. Não queremos voltar ao trabalhador forçado egípcio ou soviético - claro que também não queremos voltar à máquina de consumo sem alma.

O nacional-socialismo significa libertação humana, justiça social e dignidade.

O homem é um indivíduo - é por isso que também luta pela felicidade individual - mas é também e sobretudo um ser comunitário na cadeia eterna, desde os mortos até aos que ainda não nasceram, do seu povo - é por isso que esta vida e esta luta pela felicidade só ganham sentido e valor na ligação com este povo! Para os marxistas, o povo é, em última análise, um conceito insignificante, sem significado e conteúdo. Na sua ilusão internacionalista, fazem do proletariado o portador do sentido da história.

A fraqueza decisiva da ideologia marxista é a sua crença na inevitabilidade do desenvolvimento histórico. Daí decorre a profunda desumanidade e indiferença pelas aspirações reais da classe trabalhadora. Karl Marx disse-o da seguinte forma: "*Não se trata de saber o que este ou aquele proletário, ou mesmo todo o proletariado, imagina como o seu objectivo no momento. É uma questão do que ele é e do que será forçado a fazer historicamente de acordo com esse ser.*"

Entretanto, tornou-se suficientemente claro que os outros obrigam sempre a fazer alguma coisa, mas não a "história". É então o povo que pretende reconhecer e realizar o sentido da história. A classe operária, que resistiu obstinadamente à "inevitabilidade histórica", necessitaria, portanto, obviamente, de mestres e de uma "vanguarda" para actuar em seu nome - porque para um marxista devoto é inconcebível que a história não conduza inevitavelmente ao comunismo. Lenine tirou então esta consequência com uma determinação brutal e estabeleceu assim a tirania bolchevique.

O MARXISMO nunca foi uma forma de pensar e uma convicção da classe trabalhadora, mas objectivamente sempre uma ideologia de intelectuais burgueses, que na sua arrogância intelectual são indiferentes aos desejos, concepções e ideias do trabalhador. O marxismo é uma trincheira de incompreensão entre a "vanguarda da classe operária", o partido comunista, e a verdadeira classe operária e conduz ou à onnipotência - onde os tanques soviéticos garantem a tranquilidade - ou à impotência - onde faltam os meios de coerção - desses intelectuais burgueses que se consideram os executores da história.

A onnipotência e a impotência do marxismo são apenas duas faces da mesma coisa. Mas seria desonesto negar que os marxistas honestos e idealistas tentaram de três formas escapar a este impasse decisivo da sua ideologia:

Maoísmo, socialismo reformista e socialismo não dogmático.

Quanto mais miseráveis forem as condições de vida do povo, quanto maior for o fosso intransponível entre uma minúscula classe alta onnipotente e inimaginavelmente rica e a massa do povo, mais se torna necessária uma revolução fundamental das condições. Em alguns sítios, esta situação nos países em desenvolvimento leva a que os grupos comunistas consigam reduzir o fosso entre eles e o povo. Isto é particularmente verdade no caso da China maoísta, mas Cuba também pode ser mencionada aqui. A razão para tal é que, por um momento na história, os interesses do povo - e não apenas da classe trabalhadora - coincidiram com os dos seus mestres comunistas: a miséria e o subdesenvolvimento têm de ser eliminados!

Isto não tem nada a ver com a ideologia marxista e com a crença na tarefa histórica do proletariado. Trata-se antes de uma organização política de um povo que procura finalmente um meio de subsistência seguro. É é, de facto, difícil ver o que há de marxista no maoísmo - Mao Tsé-Tung: "O povo e só o povo é a força motriz da história mundial!" - se não tivermos em conta a superestrutura fraseológica. E isto, por sua vez, explica o fascínio e o carisma de outros movimentos revolucionários nacionais no Terceiro Mundo. O seu marxismo não passa, na maior parte das vezes, de um disfarce para obter ajuda política e financeira da esfera de domínio comunista. Estes movimentos têm pouco em comum com a ideologia marxista: assemelham-se mais ao fascismo, tal como definido por Benito Mussolini - o fascismo é nacionalismo + socialismo.

O próprio maoísmo é uma espécie de fascismo chinês. No entanto, não parece impossível que a liderança pós-maoísta na China se aproxime novamente do modelo soviético, pelo menos a nível interno. Nessa altura, o fosso entre governantes e governados voltará a abrir-se. Em todo o caso, o socialismo do

Terceiro Mundo é sobretudo um fascismo que não ousa chamar-se a si próprio isso!

Nos países industrializados desenvolvidos, os marxistas reformistas sociais conseguiram finalmente ancorar-se na classe operária. Este sucesso foi comprado por um abandono não reconhecido, mas assiduamente praticado, da ideologia marxista.

De facto, o socialismo reformista - especialmente enquanto social-democracia e movimento sindical - tem grandes méritos na melhoria das condições de vida da classe trabalhadora. Seria desonesto negar simplesmente este facto. No entanto, este socialismo reformista, que teve de se afastar cada vez mais das suas origens marxistas para conquistar o trabalhador, perdeu a sua razão de ser desde o fim da Primeira Guerra Mundial.

